

## Os tabus do insucesso

---

Numa altura em que a problemática do in/sucesso no ensino superior está na ordem do dia, impõem-se umas tantas reflexões sobre alguns paradoxos latentes que, subsistindo ao longo dos debates, acabam por se tornar autênticos tabus e ameaçar a sustentação, a um tal propósito, de um sempre imprescindível discernimento.

Escolhemos, entre outros possíveis, três tópicos que, neste âmbito, julgamos serem exemplares:

1. O insucesso dos estudantes no ensino superior constituiu já um importante indicador do próprio sucesso deste ensino. Assim, as universidades afirmavam-se junto dos seus rivais mais próximos, que eram os institutos comerciais e industriais, ao forçarem os seus alunos a abandonarem-nas e a procurarem alternativas nestes últimos, exactamente por isso estigmatizados e subalternizados. *Letras*, por seu turno, eram *tretas*. Até dentro de um mesmo curso, a hierarquia informal das disciplinas definia-se pelas respectivas percentagens de reprovações. Essa hierarquia repercutia-se, entretanto, na imagem pública dos professores, sendo que os *sábios* se confundiam invariavelmente com os *carrascos* mais refinados. Ora, esta tradição enforma ainda a ideologia universitária, acontecendo que, muitas vezes, os próprios estudantes a repercutem e alimentam quando, por rivalidade académica, distinguem, em gíria, os  *cursos* dos *recursos*, reiterando no senso comum estereótipos de que, depois, são as primeiras vítimas.
2. Quando, hoje em dia, se lamentam os elevados índices de insucesso verificados no ensino superior, esquece-se que tal fenómeno - de acordo com o assinalado no ponto anterior - não está homogeneamente distribuído, sendo, a este nível, muito díspar o que se passa, por exemplo, nas escolas de engenharia relativamente às áreas das humanidades ou, de uma maneira geral, nas instituições universitárias por comparação com as politécnicas e ainda no ensino público em confronto com o particular. A complexidade do fenómeno obriga-nos a questionar a linearidade da relação entre a origem sócio-cultural dos estudantes e o seu êxito na prossecução dos estudos. Na verdade, os dados disponíveis parece permitirem-nos concluir que os alunos que frequentam os cursos de humanidades, o ensino politécnico e até as escolas superiores privadas provêm maioritariamente de meios desfavorecidos sem prejuízo de revelarem, na generalidade, taxas de sucesso relativamente elevadas...
3. É um facto indesmentível que os docentes do ensino superior não dispõem de qualquer formação pedagógica sistematicamente fundamentada e organizada para o exercício da profissão, constatação tão lamentável quanto a da resistência obstinada ao seu fomento. A partir daqui, contra todo o espírito científico, as práticas desenvolvem-se sob o peso da rotina e da altivez das convicções empíricas.

Não deixa, contudo, de ser igualmente surpreendente que, numa época em que se propõe a construção da autonomia dos estudantes, nomeadamente pelo desenvolvimento de competências investigativas, estas não sejam partilhadas com professores a quem chega a ser criticado fazerem da investigação a dimensão predominante das suas carreiras. Será apenas porque essa possibilidade não é explorada pedagogicamente?

Com certeza que todo o percurso escolar anterior condiciona este estado de coisas. É, todavia, também evidente que, a jusante, bem aquém da demagogia dos discursos políticos, as competências que o mundo social e empresarial de facto exige apelando, no silêncio, ao pragmatismo -, se confinam, em geral, às que servem a repetição, a passividade e a submissão. Por muito que nos custe, estas são, no fundo, as matrizes que suportam o nosso triste estádio de (sub)desenvolvimento no *ranking* europeu...

O sucesso do ensino superior impõe, antes de mais, a consideração, sem preconceitos de qualquer tipo, de pontos críticos como estes, sob pena de, caso contrário, perplexos e indefesos, termos de continuar a constatar que, nele, o insucesso é, afinal, a razão e o corolário do seu sucesso!